

O procedimento da criação: imanência e produção de diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari

Diego Marques Cavalacante*

Resumo: O propósito deste artigo é o de construir um percurso conceitual para pensar em um possível caminho para investigar procedimentos de criação em Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para isso, serão destacadas as relações entre os conceitos de agenciamento, máquina abstrata e atualização. Essas relações têm o propósito de ir na direção das seguintes questões sobre a criação: Qual o contexto? Quais os aliados da criação? O que é criado?

Palavras-chave: criação; micropolítica; cartografia; atualização; virtual

The creation procedure: immanence and difference production in Gilles Deleuze e Félix Guattari

Abstract: The aim of this article is to build a conceptual path to think about a possible way to investigate creation procedures according to Gilles Deleuze and Félix Guattari thoughts. For this, the relation among the concepts of agency, abstract machine and updating will be considered. These relations are intended to going in the directin of the following questions about creation: What is the context? What are the allies of creation? What is created?

Keywords: creation; micropolitics; cartography; update; virtual

Introdução

A filosofia da diferença de Gilles Deleuze, segundo Machado¹, privilegia a diferença em detrimento da identidade e da representação, a ética, em vez da moral, as variáveis antes das estruturas, os encontros em vez do sujeito ou o acontecimento no lugar da essência. Mas o que significa a diferença para Deleuze?

De forma simplificada, em uma sentença, dir-se-ia: tratar-se-ia de deformar as identidades dominantes, abri-las para novas conexões por meio de encontros que caotizam a linguagem, impedindo-a de meramente representar. Se os esquemas de representações não dispõem de signos para expressar tais encontros, eles precisam ser experimentados, inventados ou diferenciados nos termos de Gilles Deleuze.²

* Professor adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Contato: diegomarques@unifesspa.edu.br

¹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro.Zaar, 2009.

² DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. São Paulo. Graal, 2009.

Para Gilles Deleuze, esse processo de “diferençação” é imanente. Roberto Machado³ destaca a importância de Espinosa e Duns Scot para a filosofia da imanência em Gilles Deleuze em contraposição às ditas filosofias da analogia: como a de Aristóteles, Descartes ou mesmo Leibniz.

O que está em jogo é o questionamento da eminência e da analogia como esquemas de avaliação do mundo⁴. A eminência é pressuposta por uma hierarquia que avalia seus termos, partindo de um dado esquema geral de valoração, eclipsando a experiência e seu “*pathos*”.

Carvalho⁵ apresenta um interessante percurso de leitura para entender a composição do conceito de imanência em Gilles Deleuze. Não obstante, Machado⁶ também destaca a importância de Espinosa⁷ na relação entre imanência, univocidade e Deus.

No entanto, é preciso destacar, mesmo que de forma sucinta, como o conceito de imanência funciona para Gilles Deleuze para entender seu papel no procedimento de invenção. No seu livro sobre Espinosa⁸, por exemplo, é possível entender a diferença entre um pensamento da imanência em contraposição ao da eminência a partir da diferença entre ética e moral.

³ MACHADO, R., op. Cit., p. 60-61.

⁴ É nesse sentido que se desenvolve um pensamento da analogia na medida em que os termos são avaliados antes por uma matriz avaliativa transcendente do que pela experiência e tensão entre os termos que os constitui. Essa separação, portanto, reduz a multiplicidade a unidade transcendente de avaliação. Em contraposição a essa “corrente de pensamento” e a partir de autores como Espinosa, Duns Scot e Giordano Bruno, Gilles Deleuze constrói seu pensamento da imanência. Não é propósito desse artigo discutir como Gilles Deleuze compõe seu conceito de imanência a partir da “bricolagem” entre os aludidos autores. Para isso, seria necessário um trabalho específico.

⁵ CARVALHO, Jair Dias. *A imanência, apresentação de um roteiro de estudos sobre Gilles Deleuze*. Trans/Form/Ação vol.28 no.1 Marília, 2005.

⁶ MACHADO, R. op. Cit., p. 62.

⁷ Roberto Machado articula a relação entre imanência, univocidade e Deus. De princípio, destaca a relação entre três conceitos: substância, atributo e modos. Substância é uma coisa em si e para si; atributo é o que se percebe da substância e daí compõe sua essência; modos diz respeito às afecções da substância. Ainda segundo Machado, atributo é pensado como forma no sentido de distinguir da ideia. Assim, Deus se manifesta nos atributos como essência formal e nas ideias como essência objetiva. Nesse sentido, haveria uma continuidade entre Deus e seus modos a partir da forma: o que os colocariam em um nível imanente. Ao mesmo tempo para cada atributo haveria uma substância correspondente: daí derivaria a singularidade associada a univocidade. Na perspectiva analógica-eminente-hierárquica não compartilha formas com seus “atributos”: resultando de uma diferença de “nível” entre Deus e criatura. Na abordagem de Espinosa essa continuidade formal possibilita uma univocidade que substitui a ideia de perfeição em Descartes pela de infinito e potência.

⁸ DELEUZE, Gilles. *Espinosa* Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. *Filosofia prática*. São Paulo. Escuta, 2002.

A moral se constitui a partir de esquemas de valoração, que julgam as ações a partir de esquemas transcendentais-eminentes. Por outro lado, a ética é pautada nos *affectio*, que são entendidos como efeitos da relação entre os corpos. Bons encontros e as paixões alegres aumentam a potência do corpo, enquanto os maus encontros decompõem o corpo, as paixões tristes, diminuindo sua potência. É claro que as paixões ainda são ideias inadequadas, no entanto, é, senão a partir da avaliação dos “affectios”, que se busca a adequação das ideias bem como de seus critérios éticos.

Nesse sentido, o que está em jogo é a dimensão do encontro enquanto elemento genético da Ética. É a partir da capacidade de ser afetado do corpo que se instaura tensões que também caracterizam a imanência. São das tensões geradas pelos encontros dos corpos que devem derivar os critérios éticos de existência. A busca do aumento da potência do corpo ou da alegria.

Além de Espinosa, Gilles Deleuze⁹, destaca Duns Scot e Nietzsche, como aliados importantes, para pensar a univocidade e sua relação com a imanência¹⁰. Não é o propósito do artigo aprofundar o modo como Deleuze se apropria dos aludidos autores para compor sua filosofia da imanência, mas destacar uma consequência importante:

Toda hierarquia, toda eminência é negada, na medida em que a substância é igualmente designada por todos os atributos, em conformidade com sua essência, igualmente exprimida por todos os modos, em conformidade com seu grau de potência. É com Espinosa que o ser unívoco deixa de ser neutralizado, tornando-se expressivo, tornando-se uma verdadeira proposição expressiva afirmativa¹¹.

Gilles Deleuze¹², para consolidar sua filosofia da imanência-diferença, captura a noção de eterno retorno de Nietzsche. Nessa trama, é a identidade que é pensada a partir da diferença, assim como o uno do múltiplo. No eterno retorno, a repetição é a identidade, é do próprio devir, ou seja, é a partir da diferença e de sua repetição que se pode chegar

⁹ DELEUZE, G., op. cit., p. 71-72.

¹⁰ Em Duns Scot o ser é pensado como unívoco e neutro, ou seja, indiferente ao finito e ao infinito, ao singular ou universal. É a partir da neutralização do abstrato que evita a analogia. É senão a partir de uma distinção formal e modal que o ser unívoco se relaciona com a diferença. Em Espinosa o ser “indiferente” de Duns Scot passa a ser o da afirmação pura a partir da divisão das substâncias, atributos e modos. O cerne da questão é que as distinções reais não são formais (qualitativas e essenciais) enquanto as distinções numéricas são modais (modos específicos da substância única e seus atributos). Assim, os atributos são os elementos envolvidos com a diferença ao mesmo tempo em que são parte da substância. Cabe aos modos o desenvolvimento da potência posto que não compartilham da mesma essência da substância. Nesse sentido é que Gilles Deleuze propõe uma teoria da univocidade na qual os atributos e sua relação imanente com a substância resulta em uma ontologia da potência.

¹¹ DELEUZE, G. op. cit., p., p. 73-74

¹² Ibidem.

à identidade. É nesse sentido que a identidade é de segunda ordem, sendo a diferença de primeira.

Não se trata, no entanto, de estabelecer formas teóricas, mas antes pragmáticas. É a parte seletiva do eterno retorno. Só retorna o que é extremo ou o ser comum das metamorfoses. Ou seja, o retorno da diferença. Trata-se do que subverte sistematicamente as hierarquias evitando, as analogias eminentes, ao mesmo tempo que permite a contínua repetição da diferença. “A roda do eterno retorno é, ao mesmo tempo, produção e repartição a partir da diferença, e seleção da diferença a partir da repetição¹³”.

Assim, com Duns Scot e, sobretudo, com Espinosa, Deleuze vai compondo sua ideia de imanência e univocidade de modo a escapar da eminência, sua hierarquia e de seu pensamento analógico. Com Nietzsche e o eterno retorno, é inserida a diferença em comunhão com a imanência e a univocidade do ser.

Nesse momento, interessa situar a filosofia de Gilles Deleuze no campo de uma filosofia da imanência na qual a diferença se apresenta como ontológica. Por outros termos, destaca a importância da experiência dos afetos sem reduzi-la a qualquer eminência transcendente, bem como entende a diferença produzida nas tensões dos encontros, tendo como critério a repetição da diferença.

A criação, entendida aqui como produção da diferença, seria, portanto, antes derivada de um encontro-tensão do que de uma degeneração, diante de um esquema hierárquico-eminente. Seria antes produção do que representação ou analogia. Por outros termos, cada encontro cria tensões específicas entre fluxos organizados e caóticos, de modo a produzir uma expressão singular. A criação, nesse sentido, é sempre geográfica e agenciada em consonância com uma problemática regional.

É assim que Gilles Deleuze¹⁴ propõe uma geografia do pensamento, no sentido de não permitir que critérios análogos e hierárquicos eclipsassem as singularidades das problemáticas regionais. Assim, a filosofia não deve ser reflexiva ou avaliativa dos outros saberes, mas antes inventa conceitos que dizem respeito ao próprio campo filosófico. O filósofo cria conceitos.

¹³ Ibidem.

¹⁴ DELEUZE, Gilles. Guattari, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo. Editora 34, 1992.

Nesse sentido, endossamos a proposição de Machado¹⁵, pela qual Deleuze se interessa, sobretudo, pelo que significa ter uma ideia, ou seja, inventar. É certo que, no desenvolvimento de sua filosofia, Gilles Deleuze faz uma série de “colagens” para pensar a diferença. Não é a ambição deste artigo investigar e recompor a intensidade e complexidade desse labirinto.

Interessa aqui, de forma menos ambiciosa, pensar um possível percurso de conexões conceituais do modo como Gilles Deleuze propõe a produção da diferença em sua parceria com Félix Guattari.

Nesse sentido, será apresentado um possível “percurso de criação” a partir da articulação dos conceitos de agenciamento, atualização e máquina abstrata. É claro que esses conceitos remetem a outros que serão mencionados oportunamente no corpo do artigo.

Essas relações se aproximam de três problemas: Qual o contexto da criação? Com o que se cria? Qual o efeito da criação? O trabalho não tem a ambição de dar conta da amplitude dessas problemáticas, mas antes de destacar um possível percurso conceitual, capaz de tocar em alguns tecidos de sua complexidade.

1. Agenciamento, máquina abstrata e imanência

A noção de agenciamento de Gilles Deleuze é fundamental para entender a dinâmica de seu sistema de pensamento, sobretudo para escapar de uma filosofia do sujeito e de uma filosofia da representação. Trata-se de privilegiar a imanência enquanto condição da produção da diferença.

Nessa dinâmica, configura-se uma filosofia da imanência que privilegia a singularidade, bem como as variáveis que se produzem nos encontros. Não se trata, portanto, de privilegiar estruturas universais ou uma dimensão ideal. Trata-se, antes, de articulação entre planos coexistentes em diferentes velocidades. “O que há de interessante

¹⁵ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro:Zaar, 2009.

em conceito como desejo, ou máquina, ou agenciamento é que eles só valem pelas suas variáveis e pelo máximo de variáveis que permitem”¹⁶.

Agenciamento é um conceito básico para pensar a diferença. Segundo Guattari ¹⁷, agenciamento substitui o complexo freudiano e, por outro lado, poder-se-ia incluir a estrutura saussuriana como peça fundamental. O agenciamento seria a unidade mínima para pensar a diferença, posto que promove sua articulação:

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia, nem o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados¹⁸.

Antes de tudo, agenciamento é sempre coletivo, ou seja, ele é fundado no encontro. Agenciar significa estabelecer conexões-conjunções. Essas conexões são possíveis, antes de tudo, graças a uma “simpatia” ou a uma “conveniência” entre os termos: aranha, teia e mosca em um agenciamento de captura; homem, cavalo e estribo, em um agenciamento de cavalaria. Assim, uma primeira palavra sobre agenciamento e criação é que eles sempre são coletivos.

Ora, dessa perspectiva deriva uma série de consequências. A primeira é que essa coletividade do agenciamento supõe que ele é heterogêneo, ou seja, conecta elementos de diferentes naturezas: biológica, química, social, cultural, política e tecnológica. É importante destacar que o agenciamento se refere ao que se passa entre esses termos, de modo a mantê-los conectados ou não. Seria isso essa “simpatia” ou “conveniência”. Nesse sentido, é preciso destacar a coexistência de diferentes velocidades, sua imanência.

Tratar-se-ia de uma dinâmica em que um arrasta o outro, produzindo um movimento coletivo. Seria o co-funcionamento dos termos heterogêneos, os contágios, bem como o que permanece desconexo. Outra dinâmica que caracteriza o agenciamento é a multiplicidade, ou seja, a relação entre as linhas que atravessam o agenciamento. São elas: a linha molar-sedentária, a linha nômade de fuga e a linha molecular-migrante. O agenciamento, portanto, é, antes de tudo, o co-funcionamento de termos heterogêneos em relação a linhas de multiplicidade:

¹⁶ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.04. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo. Editora 34. 2007, p.173.

¹⁷ GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis. Editora Vozes.2005, p. 381.

¹⁸ DELEUZE, Gilles & PARTNET, Claire. *Diálogos* Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa. Relógio d'água,1996. p. 69.

O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades dos sexos, dos reinos- através de naturezas diferentes.¹⁹

A heterogeneidade e multiplicidade ajudam a constituir as quatro valências do agenciamento: por um lado, com o território, as formas de expressão e conteúdo (agenciamento concreto) e, por outro lado, com o plano de imanência, os processos de des-territorialização e re-territorialização.

Antes de adentrar nas quatro valências do agenciamento, é importante destacar onde ele funciona: não há agenciamento sem território. Um agenciamento, portanto, é, por princípio, territorial. O território é uma espécie de colagem feita a partir dos meios no qual se constrói um “ethos”, posturas, modos de andar, de usar, de se misturar com outros meios “roubados”:

O território é feito de fragmentos descodificados de todos os tipos, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir deste momento um valor de "propriedade": mesmos os ritmos aqui ganham outro sentido (ritornelos).²⁰

O ritornelo²¹ territorial é produto da estabilização das matérias de expressão, garantindo sua repetição estilística e possibilitando seu reconhecimento: uma assinatura. É senão o ritornelo que marca a distância que caracteriza um território: “O que é meu é primeiramente minha distância. Trata-se de manter a distância as forças do caos que batem a porta²²”.

O território é onde o agenciamento opera. Não é à toa que a primeira dimensão do agenciamento é a territorial. Tratar-se-ia estratificação em forma de expressão (regime de signos; enunciação coletiva) e forma de conteúdo (maquínico de desejo). Duas valências independentes, mas retro- influentes:

[...] a primeira divisão de todo agenciamento, por um lado, agenciamento maquínico, por outro e ao mesmo tempo, agenciamento de enunciação [...] Enquanto os agenciamento

¹⁹ Ibidem.p.88.

²⁰ DELEUZE, G & GUATTARI, F., op. cit., p.218.

²¹ O ritornelo é um modo de conjunção entre diferentes qualidades expressivas promovendo um todo indivisível. Esse amálgama promove a repetição, da repetição o ritmo e o controle em relação ao plano de imanência. É senão a repetição promovida pelo ritornelo territorial que possibilita um andamento e a distinção entre os territórios. A distância não é meramente espacial, seria antes geo-rítmica.

²² Ibidem, p.128.

permanecem submetidos à distinção do conteúdo e da expressão, continuam pertencendo aos extratos.²³

Os regimes de signos dizem respeito às regras que caracterizam o território: suas práticas, esquemas de inferências bem como no modo como articulam os signos. Tratar-se-ia da dimensão semiótica da assinatura.

O enunciado: Sentido! Caracteriza um território militar. Um português, um brasileiro e um americano entraram num bar, de uma piada²⁴. Há toda uma jurisdição que caracteriza o território: “O enunciado é sempre jurídico, ou seja, faz-se segundo regras, precisamente porque constitui o verdadeiro manual de instrução das máquinas”²⁵.

Um agenciamento é também sempre social e se articula como um discurso indireto. Por outros termos, os regimes de signos não operam como transmissão de informação de um emissor a um receptor a partir de um canal como a teoria matemática da informação:

A linguagem não se contenta em ir de um primeiro a um segundo, de alguém que viu a alguém que não viu, mas vai necessariamente de um segundo a um terceiro, não tendo nenhum deles visto.²⁶

É nesse sentido que o que é mais básico na linguagem é a palavra de ordem. A palavra de ordem não se reduz a um imperativo, mas antes a uma espécie de obrigação social. As palavras de ordem também promovem as transformações incorpóreas. As palavras de ordem de um Juiz, por exemplo, podem promover a transformação do suspeito em inocente ou culpado: são as transformações incorpóreas. Essas transformações estão também associadas a uma circunstância²⁷:

“Eu juro” não é o mesmo se for dito em família, na escola, em um amor, no interior de uma sociedade secreta, no tribunal: não é a mesma coisa, mas tampouco é a mesma

²³ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Editora 34, 2005. P.219.

²⁴ Esse artigo representa um esforço inicial de um projeto mais amplo. Trata-se do grupo de pesquisa em semiótica e cartografia do risível. Essa pesquisa tem o propósito de investigar os processos de criação de piadas a partir da articulação da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari com a semiótica de Charles Sanders Peirce.

²⁵ DELEUZE, G. *Kafka*. Por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014, p. 148.

²⁶ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo. Editora 34, 1995. p.12.

²⁷ Nesse sentido, uma palavra de ordem traz consigo uma circunstância implícita que possibilita sua ação bem como seu efeito incorpóreo. A palavra de ordem e seus efeitos, portanto, são redundantes em relação as circunstâncias sociais. Quando se relacionam de determinado modo por um agenciamento, promovem os regimes de signos ou máquinas semióticas.

transformação incorpórea. A transformação se refere aos corpos, mas ela mesma é incorpórea, interior a enunciação²⁸.

Um enunciado, portanto, está envolvido; em uma palavra de ordem; em uma circunstância social; que, por sua vez, é um agenciamento coletivo do qual as palavras de ordem são as variáveis. Os enunciados coletivos, portanto, são antes uma questão política e pragmática.

A outra valência do agenciamento é o agenciamento maquínico. Formações não-discursivas ou forma de conteúdo são termos que Deleuze e Guattari também usam para pensar as conjunções entre os corpos que produzem o desejo. São as máquinas que operam essas produções de corporeidades em conjunção. Assim, é mister destacar a noção de máquina.

Antes de tudo, a máquina é produção. E essa produção está associada a um sistema de cortes. Cortar é extrair fluxos em consonância com seus registros específicos. Ora, esse fluxo vem de outra máquina, logo, a máquina é sempre máquina de máquina. Tratar-se-ia, portanto, de um processo paralelo e associativo de transformações de fluxos, de conexão entre máquinas. É nesse sentido que a primeira lei da máquina é produção da produção.

Assim, a máquina ânus e a máquina intestino, a máquina intestino e a máquina estômago, a máquina estômago e a máquina boca e o fluxo de rebanho (E depois, e depois, e depois)[...]Em suma, toda máquina é corte de fluxo em relação àquela com que está conectada, mas ela própria é fluxo ou produção de fluxos em relação àquela que é conectada²⁹.

Os cortes trazem consigo três modos de sínteses: conectiva, disjuntiva e conjuntiva. A primeira diz respeito à produção de produção, trata-se da extração de fluxos de uma máquina bem como a conexão com outras máquinas. Cortar é produzir produção.

O segundo envolve a disjunção entre as diferentes máquinas que deriva dos registros específicos: caracteriza o modo como “desliga” bem como que tipo de relações e com que máquinas produz fluxos coletivamente: “um órgão pode estar em conexão com vários fluxos segundo diferentes conexões³⁰”.

²⁸ Ibidem, p.21.

²⁹ DELEUZE, G & Félix, Guattari. *O Anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo. Editora 34, 2011.p.55.

³⁰ Ibidem, p. 57.

Nesse sentido, produz-se uma síntese disjuntiva dos fluxos em cada desligamento: dentro da máquina e entre as máquinas. Os fluxos são sintetizados por um registro específico da máquina, mas são heterogêneos, posto que vêm máquinas diferentes segundo tipos diferentes de conexões. A máquina sintetiza, mas faz coexistir registros disjuntos. Cada maquinação possui sua singularidade e faz coexistir produções heterogêneas.

A síntese conjuntiva acopla o sujeito à máquina. O sujeito é composto por intensidades das passagens de uma máquina para outra. Por isso que se diz que é o resto, mas a esse resto não falta nada: é produção de consumo das variações de fluxos que se estabelecem entre as máquinas. O resto, em si, é totalidade e não um fragmento do todo. Nesse sentido, em resumo, a máquina consiste em operar três modos de corte:

O primeiro modo é a síntese conectiva, e mobiliza o Numem como energia de extração. O segundo, é a síntese disjuntiva, e mobiliza o Numem como energia de desligamento. O terceiro, é a síntese conjuntiva, e a Voluptas como energia residual³¹.

O agenciamento maquínico, portanto, pode ser entendido como a estratificação de processos maquínicos, ou seja, modos específicos de se extrair, registrar e produzir resíduos que caracterizam um território, ou seja, que é conveniente para seu funcionamento e sua produção de desejo. Esses amálgamas caracterizam a maquinaria de um dado campo social como no agenciamento cavalaria e as relações entre homem, estribo e cavalo.

Nesse sentido, agenciamento maquínico é agenciamento de corpos. Esses corpos podem ser pessoas ou máquinas: é a emergência social quem define as conjunções de corpos. Formações discursivas e maquínicas têm suas especificidades, mas funcionam em conjunto³²:

Forma de conteúdo e forma de expressão remetem a duas formalizações paralelas em pressuposição: é evidente que elas não param de entrecruzar seus segmentos, introduzindo-los uns nos outros, mas isso em virtude de uma máquina abstrata da qual derivam ambas as formas e em virtude de agenciamentos maquínicos que regulam suas relações³³.

³¹ *Ibidem*, p. 61.

³² Em resumo, expressão e conteúdo marcam as duas primeiras valências do agenciamento. Trata-se do privilégio da repetição que caracteriza um ritornelo territorial que é produzido a partir de corpos que se afetam e compõem as engrenagens da máquina na qual os regimes de signos são as “leis” de manuseio e as palavras de ordem suas transformações incorpóreas. Esses aspectos compõem a assinatura do território.

³³ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 01. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro. Editora 34.1995, p. 85.

Se a primeira dimensão do agenciamento, as formas de conteúdo e expressão, privilegiam a relação com a repetição e o ritornelo territorial, a segunda valência se volta para a diferença: trata-se dos processos de desterritorialização e reterritorialização que dinamizam o território.

Esse processo, seguindo a lógica da filosofia da diferença, é também coletivo e imanente. Por outros termos, os processos de desterritorialização derivam de encontros entre “velocidades diferentes”: de uma relação com o fora do território. São encontros que trazem o caos para o território, liberando as linhas de fuga.

Trata-se de uma dinâmica entre repetição e diferença de modo que a diferença se manifesta na repetição, e a repetição se renova na diferença. A diferença deriva da relação da repetição do território em seu encontro com o caos. Tal relação pode ser compreendida por meio da relação cartográfica entre as linhas: molar³⁴, molecular e de fuga. São, por assim dizer, o mapa do agenciamento: a cartografia das multiplicidades.

Poder-se-ia dizer que a linha molar teria quatro características principais que caracterizam o privilégio da conservação do território: arborescente, binário, circular, segmentário³⁵. A organização arborescente (árvore) traz consigo os seguintes aspectos: centralizado (centros de significância-sujeição), hierárquico, decalque-reprodução, memória longa e unificador³⁶.

O indivíduo é inserido em uma cadeia de ligações preexistentes que computam suas possibilidades de conexão, ou seja, é uma relação centralizada e fundamentada por uma memória longa: família, Estado, cultura etc. É um regime significativo e de sujeição, ou seja, o processo de sentido se desenvolve a partir de uma arbitrariedade que marca o rosto do sujeito em cada esfera de ressonância.

³⁴ A linha molar está envolvida, sobretudo, com a conservação do território e seu ritornelo. Trata-se da linha molar. Essa linha trabalha com o plano de organização e sobre-codificação. A linha molar tem o propósito de evitar os assaltos do caos por meio de processos de “fortificação” do território e “agilidade” na reterritorialização. Por outros termos, quando mais dominante é a linha molar, mais “estriado” o território, ou seja, resistente à encontros caóticos e ao mesmo tempo hábil no processo de recompor seu território preservando seu ritmo territorial. Por outro lado, um território se esfacelaria sem uma linha molar: cairia em um buraco negro da subjetividade ou em um devir-louco sem referência. A linha molar é importante para garantir a repetição na qual vai se instaurar a diferença. Os ritornelos precisam de sua estabilidade para marcar seu andamento-repetição e suas características expressivas. As linhas têm suas vantagens e perigos. A linha molecular pode cair no buraco da subjetividade e adentrar no microfascismo, por exemplo.

³⁵ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 05*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Editora 34, 2005. p.220.

³⁶ DELEUZE, G & GUATTARI, F. op. cit., p. 26.

Essa ressonância é garantida pelo poder que produz uma hierarquia e ao mesmo tempo um decalque. Esses dispositivos servem para manter a produção de reprodução de sentido e de sujeição conectados ao centro de significância: afastam o caos e garantem a repetição.

Por um lado, o poder organiza a hierarquia de modo a criar um sistema integrado de vigilância hierárquica de produção de silêncio e exclusão. Por outro lado, o decalque esconde o indizível, o a-significante caótico, para manter o rosto do território. É nesse sentido que o sistema é arborescente.

É uma árvore da qual do tronco se deduz os galhos e destes, as folhas como elemento mais marginal do território, mantendo, ainda sim, uma unidade: “Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução [...] A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore”³⁷.

A linha molar também segue uma lógica binária e não apenas dualista. Ela precisa colocar tudo dentro do modelo de avaliação sucessiva para garantir sua organização. No binarismo nada escapa: se você não é A nem B, então, é C. Cada binarismo³⁸ se estabelece em consonância com um dispositivo de poder que organiza o território, a saber.

Trata-se da segmentaridade que, a todo momento, corta o indivíduo: da escola para a universidade, para a fábrica e para o restaurante. Há sempre um poder que corta e segmenta em modos de sujeição que variam em consonância com os campos sociais. O plano de organização, por meio de sua máquina abstrata, “estria” velocidades e lentidões, organiza os corpos e semiotiza os fluxos produzindo sujeições.

Para todo corte, há um território hierarquizado que produz sujeição bem como tem a função de evitar forças caóides: controlar os processos de desterritorialização. Por outro lado, há um regime significante que cria círculos de interpretações: trapaças para conectar o território a um centro significante. Deleuze e Guattari³⁹ chamam de sacerdotes interpretativos os sujeitos que moldam o sentido em diferentes círculos para preservar um rosto significante.

³⁷ Ibidem, p.21.

³⁸ DELEUZE, G & PARNET, C., op. cit., p.157.

³⁹ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo. Editora 34. 1995, p.67.

A linha molar, portanto, funciona em favor de um plano de organização que busca a estabilização do território e seu rosto bem como sua conexão com a máquina de estado. É a linha da multiplicidade de conservação dos ritmos territoriais estabelecidos: em que opera a repetição que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento da diferença⁴⁰.

Outra linha cartográfica é a linha de fuga. Se a molar é sedentária, a linha de fuga é uma multiplicidade nômade. A linha de fuga abre para outra valência do território: a desterritorialização. Trata-se de, a partir de um encontro, abandonar o território: “É antes um encontro entre dois reinos, um curto-circuito, uma captura de código em que cada um se desterritorializa⁴¹”.

Nesse sentido, é importante destacar um tipo específico de encontro que promove uma desterritorialização criativa do território. Segundo Deleuze⁴², o artista só pensa forçado, logo, a invenção é um ato involuntário. Poder-se-ia simplificar o argumento de Deleuze da seguinte forma, a saber.

Se criação é produção de diferença, então, a manutenção dos esquemas de representação de mundo impossibilita a diferença, posto que privilegiam o modelo. Privilegiar o modelo significa utilizar soluções estabilizadas e gerais em um dado território. Ora, nesse sentido, para a produção da diferença, é preciso quebrar os esquemas de referência estabelecidos. Essa quebra teria que ser involuntária, forçada: necessariamente vem do “fora”. Isso porque, mesmo que se procure voluntariamente quebrar as referências, essas soluções derivariam do próprio modelo, logo, estão nos esquemas de previsão do território:

As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição de uma imagem do pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento⁴³.

⁴⁰ É importante sublinhar que o território não cessa de ser assaltado por encontros que levam o território a graduações de entropia que tentam ser compensada pelos dispositivos da linha molar. Há sempre um encontro que faz fugir uma linha de fuga que abre o território para o plano de imanência, ou seja, para fluxos descodificados com outras velocidades, temporalidades que problematizam os esquemas de poder e representação do território. Não é por acaso que Deleuze e Guattari caracterizam a linha molar como sedentária.

⁴¹ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 04. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo. Editora 34, 1997.p.59.

⁴² DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.

⁴³ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal, 1988.p.203.

Gilles Deleuze⁴⁴ já mencionava a importância de uma cisão por meio da violência ao pensar a noção de ilha deserta. A condição da re-criação da ilha é exatamente uma violência que a separa do território. O deserto é antes o oceano ao seu redor do que propriamente a ilha. Só é possível inventar quando se distancia de seu território jogado por uma catástrofe:

Ela é a origem, mas a origem segunda. A ilha é o mínimo necessário para esse recomeço, o material sobrevivente da primeira origem, o núcleo ou o ovo irradiante que deve bastar para reproduzir tudo [...] somente há um segundo nascimento porque houve uma catástrofe⁴⁵.

Em Proust e os signos, Deleuze também destaca a violação como elemento desencadeador da invenção. Segundo o autor, o artista é afetado por um signo que o obriga a criar: valorização do que tira o artista de seu território. É nesse sentido que a criação é um ato involuntário.

O compositor é forçado pelos signos sensíveis que, levados por uma memória involuntária, abrem caminho para os signos da arte: “Sem algo que nos force a pensar, sem algo que nos violente o pensamento, este nada significa [...] mais importante do que o pensamento é o que dá de pensar⁴⁶”

A violência, por assim dizer, força o mergulho na imanência e molda um campo de singularidades diferenciadas, ou seja, ainda não atualizadas. Por outros termos, a violência determina o campo de virtualidades das singularidades que serão atualizadas no processo de diferenciação.

Deleuze & Guattari⁴⁷ radicalizam a importância da violência para a criação, destacando o caos como elemento que rasga os modelos de representações estabelecidos. Pensar significa ser afetado pelo caos e compor com ele. Por isso, os autores chamam a criação de caóide.

Define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual se dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada, mas um virtual, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem

⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *A Ilha deserta e outros textos*. São Paulo. Iluminuras, 2006

⁴⁵ Ibidem, p.21.

⁴⁶ DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.

⁴⁷ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz São Paulo. Editora 34, 1992.

para desaparecer logo em seguida, sem consistência nem referência, sem consequência. É uma velocidade infinita de nascimento e esvanecimento⁴⁸.

O caos⁴⁹ escapa entre os dedos dos modelos de representação estabelecidos, forçando sua ruptura. Em suma, não é que o pensamento lute como caos: este é antes seu princípio genético. O pensamento combate, antes, a opinião. Assim, seja na filosofia, na ciência ou na arte, o caos é o elemento genético da criação:

A arte não é o caos, mas uma composição do caos, que dá a visão ou a sensação, de modo que constitui um caosmo [...] um caos composto [...] A arte transforma a variabilidade caótica em caóide⁵⁰.

Poder-se-ia dizer que a violência do signo, o caos, virtual, imanência, como aspectos ligados ao encontro que torna possível a invenção. Tratar-se-ia do impacto do impensável e suas ressonâncias, ou seja, a torção, a violação dos modelos de representação estabelecidos, bem como sua abertura para imanência e a criação de uma virtualidade singular ao encontro.

Poder-se-ia, portanto, enfrentar a primeira problemática: quando se cria? Uma das formas, portanto, seria quando se é assaltado por uma violência em um dado território e nesse encontro o plano de organização é “furado” pelo encontro, alargando frestas para a “entrada” da imanência, para o caos.

Essa possibilidade de condição de criação, portanto, está relacionada com a segunda linha da cartografia: a linha de fuga. A violência do encontro faz escapar uma linha de fuga, no entanto, essa última não necessariamente é criativa. A linha pode ser bloqueada por uma máquina abstrata ou cair no buraco negro do microfascismo, por exemplo.

Poder-se-ia destacar cinco características da linha de fuga: desterritorializante; a-significante; a-segmentada; acentrada; traidora; opera a conjunção de fluxos descodificados; e nômade. Antes de tudo é desterritorializante porque escapa do território. Dessa primeira característica derivam as seguintes, a saber.

Se a linha de fuga abandona o território, logo, escapa dos esquemas de representação centrados no significante-rostro, ou seja, é a-significante. Ora, ao mesmo tempo também desfaz os segmentos e suas hierarquias de poder que classificam o

⁴⁸ Ibidem, p.140-141.

⁴⁹ Gilles Deleuze e Félix Guattari se inspiram em Ilya Prigogine e Isabelle Stengers para pensar a relação entre caos e criação, sobretudo, na obra *Entre le temps et L`éternité*.

⁵⁰ Ibidem.p.241.

indivíduo (a-binarismo). É nesse sentido que uma linha de fuga é traidora: ela trai o rosto e a segmentação que marcam o território. “Traem-se as potências fixas que querem reter-nos as potências estabelecidas da terra⁵¹”.

A linha de fuga opera em um nível de fluxos des-coficados, operando a conjunção com novos fluxos. Fluxos operam em velocidades e tempos imperceptíveis e antecedem qualquer estratificação: seja ela criativa, seja microfascista ou de morte. “O imperceptível é o caráter comum da maior velocidade e da maior lentidão. Perder o rosto, franquear ou perfurar o muro, limá-lo pacientemente⁵²”.

A linha de fuga experimenta novas conjunções entre fluxos, colocando em contato anômalos de territórios diferentes: seres das bordas ou margens dos territórios desterritorializados. A potência da linha é abandonar o rosto e experimentar novas conjunções de fluxos:

O anômalo está sempre na fronteira, na margem de uma banda ou de uma multiplicidade; faz parte dela, mas fá-la já passar para outra multiplicidade, fá-la devir, traça uma linha entre. É também o outsider⁵³.

A terceira linha é a molecular. Diferente da linha molar que é sedentária, e da linha de fuga que é nômade, a linha molecular é migrante. É migrante porque é a linha do devir da produção de uma língua estrangeira na própria língua. A dimensão molecular não tem o ritmo estriado do molar, mas antes segue um ritornelo que segue o andamento do próprio encontro. Por outro lado, sua desterritorialização é relativa: diferente da linha de fuga que é absoluta.

Isso porque, embora perfure os esquemas de representação maiores da molaridade, ela mesma adquire uma consistência. No entanto, tal reterritorialização promove um regime menor, ou seja, não se trata de ser absorvido pelo esquema significante-binário, mas antes de inventar velocidades-ritmos que passam entre os esquemas de organização dominantes:

Não se trata de acrescentar, na linha, um novo segmento aos segmentos precedentes (um terceiro sexo, uma terceira classe, uma terceira idade), mas de traçar uma outra linha no meio da linha segmentária, no meio dos segmentos, que os arrastará segundo as velocidades e lentidões variáveis num movimento de fuga ou de fluxos⁵⁴.

⁵¹ Ibidem.p.54.

⁵² DELEUZE, G & PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa. Relógio d`água.1996, p.60.

⁵³ DELEUZE, G & GUATTARI, F. ., op. cit., p.58.

⁵⁴ DELEUZE, G & PARNET, C. ., op. cit., p.158.

A linha molecular, portanto, tira consistência do próprio encontro e não do plano de organização. Ela se desenvolve no plano de imanência no qual promove singularidades derivadas dos encontros. É, portanto, o espaço do devir: “[...] são fluxos moleculares de limiares ou quanta [...] Passa-se muita coisa nesse tipo de linhas, de devires, de micro-devires, que não tem o mesmo ritmo que a nossa história⁵⁵”.

Tratar-se-ia de, por assim escrever, uma segmentaridade flexível na qual a sujeição sede lugar à experimentação, à composição de modos de existência e renovação do território. O molecular se passa outras velocidades e, portanto, escapa aos binarismos da linha molar:

[...] as linhas moleculares fazem passar, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização que já não pertencem nem a um nem a um nem a outro, mas constituem um devir assimétrico dos dois: sexualidade molecular que já não é a de um homem ou de uma mulher, massas moleculares como que já não tem o contorno de uma classe [...] não respondem às grandes oposições molares⁵⁶.

As três linhas (molar, de fuga e molecular), portanto, compõem as multiplicidades do agenciamento. É preciso dizer que as linhas coexistem, variando, por assim dizer, sua prevalência de acordo com o tipo de máquina abstrata que opera o agenciamento. Trata-se, portanto, de relações entre o plano de organização (estriado) e o plano de composição (imaneente).

Segundo Gilles Deleuze⁵⁷, o privilégio da molaridade traz uma desterritorialização negativa que bloqueia a linha de fuga no sentido de conservar maiores níveis de repetição. Por outro lado, há uma desterritorialização absoluta que privilegia a ação da linha de fuga: instaurando novas conjunções e linguagens dentro do território.

Cada linha tem seus perigos e vantagens. Sem a repetição e estabilização dos esquemas molares, não há consistência da diferença, posto que depende da repetição para se estabelecer. A diferença sem repetição seria apenas um elemento caótico e não caóide. É na repetição que se experimenta e se desenvolve a diferença. Ao mesmo tempo não existe repetição sem diferença, posto que os territórios se encontram em sistemáticos encontros que os forçam a se adaptar aos afetos que o assaltam.

⁵⁵ Ibidem, p.151.

⁵⁶ Ibidem, p.158.

⁵⁷ DELEUZE, G & Guattari, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Editora 34, 2005.p.224.

Por outro lado, as multiplicidades (as linhas) coexistem com a outra face do agenciamento (de enunciação coletiva e maquínico de desejo). As linhas são a parte cartográfica- abstrata do agenciamento enquanto a outra é expressiva e corpórea: produz enunciados e corpos concretos.

Quando, em um agenciamento, há o privilégio do ritornelo territorial, existe a prevalência de uma assinatura: eclipsando a linha de fuga e novas conjunções. Assim, as formas de expressão e conteúdo produzem corpos e enunciados com alta gradação de repetição.

Em um agenciamento criativo, quando a linha de fuga é incorporada, derivam-se linhas moleculares. Produz-se novas conjunções entre corpos bem como linguagens menores. A cartografia, portanto, pode ser entendida como uma análise das relações entre essas linhas:

Aquilo que chamamos de muitos nomes- esquizo-análise, micropolítica, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia- tem apenas como objeto o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos⁵⁸.

A relação do conceito de cartografia com o de máquina abstrata possibilita um percurso para uma das possíveis respostas para a segunda questão aqui colocada: com o que se cria? A noção de máquina abstrata⁵⁹ é importante, sobretudo, para compreender as relações entre criação, imanência e organização, por outros termos, o que se passa entre a desterritorialização e reterritorialização.

Interessa destacar a dinâmica da máquina abstrata mutante posto que é a responsável por cortar fluxos em um processo de re-territorialização criativa. Poder-se-ia destacar três aspectos importantes da máquina abstrata mutante: 1) promove os picos de desterritorialização; 2) Esses picos estão associados à captura de fluxos descodificados do plano de imanência e à criação de uma linguagem menor ou molecular; 3) são singulares e imanentes.

⁵⁸ DELEUZE, G & PARNET., op. cit., p. 152.

⁵⁹ Se máquina significa cortar, produzir registros e resíduos, a máquina abstrata vai tratar dos fluxos abstratos, ou seja, para além das materialidades e propósitos semióticos estratificados. A linha molar, de fuga e molecular são linhas abstratas na medida em que não se reduzem a uma semiotização- estratificação concreta. É preciso destacar que as linhas molares “foram” linhas de fuga estriadas e postas a serviço de um dado território: “estriada” por uma máquina abstrata de sobre-codificação. Por outro lado, há também uma máquina abstrata mutante que captura fluxos descodificados e os insere no território, dando origem a novas linguagens e desejos que podem ser “estriados” com o tempo. O que interessa destacar é que a máquina abstrata teria como uma de suas funções estabelecer conjunções entre os fluxos dos planos de composição (estriado) e de imanência (a-significante).

Antes de tudo é preciso fazer uma distinção de dois planos coexistentes: de organização e de imanência. O Plano de organização está associado à história, à memória, às instituições e ao desenvolvimento-progresso. Tratar-se-ia da dimensão estratificada em forma de conteúdo e expressão no agenciamento. Por outro lado, coexiste o plano de imanência que se passa em uma velocidade-tempo aquém ou além da história. Tratar-se-ia dos fluxos descodificados-virtuais. É importante destacar que não se trata de infra-estrutura ou dualismo:

[...] não há dualismo entre os dois planos de organização transcendente e de consistência imanente: é as formas e os sujeitos do primeiro plano que o segundo não cessa de arrancar as partículas entre as quais já só há relações de velocidade e de lentidão, e é também no plano de imanência que o outro plano se ergue, atuando nele para bloquear os movimentos, fixar os afetos, organizar formas e sujeitos⁶⁰.

Nesse sentido, a dinâmica de fuga e captura entre os planos (organização e de imanência) seria operada pelas máquinas abstratas que produzem os picos de desterritorialização. Há tipos gerais de máquina abstrata: mutante, estratificação ou de rostificação, por exemplo.

As máquinas mutantes produzem os picos de criação, de singularidade no agenciamento. Nesse sentido, são sempre singulares. É preciso destacar que o plano de imanência é também singular, os fluxos descodificados, são diferenciados embora ainda não diferenciados⁶¹.

Essa diferenciação é promovida pela máquina abstrata que traz ao agenciamento fluxos descodificados singulares. Singulares porque são produzidos a partir de um agenciamento territorial dinamizado por um dado encontro (violência) com o caos que produz uma linha de fuga. A linha de “fuga”, portanto, é conduzida por uma máquina abstrata que produz vizinhanças específicas.

Por outros termos, a máquina produz uma “seleção” do plano de imanência, colocando uma virtualidade diferenciada em contato com o agenciamento territorial. Essa singularidade deriva, portanto, da relação do território com o tipo de violência e das vizinhanças descodificadas que esse encontro produz. Isso é a produção de uma linguagem molecular ou menor.

⁶⁰ Ibidem.p.160.

⁶¹ Diferenciados se refere a termos atualizados ou estratificados. Em um segundo momento do artigo o conceito será apresentado.

O plano de consistência é um plano de variação contínua, cada máquina abstrata pode ser considerada como um platô de variação que coloca em continuidade variáveis de conteúdo e de expressão⁶².

Nesse sentido, se o agenciamento é maquinado por uma máquina abstrata mutante, são produzidas desterritorializações absolutas, ou seja, singularidades: a máquina abstrata abre o território para novas conexões: “máquinas abstratas de consistência, singulares e mutantes, com conexões multiplicadas⁶³”.

A máquina abstrata mutante trabalha extraindo fluxos descodificados-virtuais e os inserindo no agenciamento no sentido de resolver suas problemáticas. É de onde derivam os picos de desterritorialização no agenciamento. A máquina abstrata, portanto, produz o que Gilles Deleuze e Félix Guattari ⁶⁴chamam de platôs⁶⁵, que são capturas do plano de imanência para o agenciamento.

Dá a importância da máquina abstrata mutante. Dir-se-ia dizer que ela produz, portanto, os fluxos descodificados que escapam na linha de fuga e os transforma em moleculares, atendendo às emergências de um agenciamento territorial. Torna a imanência singularizada no agenciamento, produzindo os picos de desterritorialização.

Essa continuidade entre imanência e organização é possível porque a máquina abstrata não trabalha no nível concreto: formas de expressão e conteúdo. Tratar-se-ia antes de produzir em uma multiplicidade pré-semiótica: do diagrama e do Phylun. O primeiro é uma função pura e o segundo, uma matéria não formada. Quer isso dizer que estão em uma dimensão a-significante, ou seja, em um tempo diferente dos estratos que semiotizam e dão substância aos diagramas e às matérias não formadas.

⁶² DELEUZE, G. GUATTARI, F.. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Editora 34, 2005.p.228.

⁶³ *Ibidem*, p.231.

⁶⁴ DELEUZE, G. GUATTARI, F., *op. cit.*, p.33-34.

⁶⁵ O conceito de “platô” é “roubado da botânica por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Bateson, em seu livro *Vers une écologie de l’espirt*, emprega o termo no estudo dos bulbos, tubérculos e rizomas. Os autores também buscam em Gregory Bateson alianças para pensar a noção de “platô”. Para Bateson, o platô já é pensado como uma região contínua de intensidades que toma a própria dinâmica como orientação, negando uma modelização transcendente. Nesse sentido, o conceito se torna muito importante para pensar a produção da diferença fundada na imanência. Para Deleuze e Guattari, o “platô” se apresenta como um campo de intensidade permanente que estabelece contado com outros campos de intensidade. Nesse sentido, é seão por meio das conexões entre “platôs” que se foge as conexões “estriadas” centrados no modelo em árvore.

Isso confere uma continuidade da máquina abstrata entre os planos de organização e imanência. Embora os diagramas, por exemplo, possam estar semiotizados em uma forma de expressão, enquanto função pura, podem continuar no plano de imanência e serem estratificados em outros agenciamentos. Isso porque os diagramas são funções puras que abstraem contextos, resistências e substâncias.

Tomemos como exemplo o panóptico⁶⁶ que fora discutido por Michel Foucault⁶⁷. Em uma perspectiva diagramática, sua função pura é a de vigiar sem ser visto. Independente dos propósitos, das substâncias etc. Na prisão, o panóptico é estratificado em um agenciamento no qual o propósito é o de docilizar os corpos a partir da máxima: vigiar e punir. No entanto, nas fábricas o propósito é o de fazer o corpo proletário trabalhar. Em uma loja de conveniência inibir roubo.

[...] é um diagrama [...] um funcionamento que se abstrai de qualquer obstáculo ou atrito[...] e que se deve destacar de qualquer uso específico [...] é a cartografia ,co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata⁶⁸.

Nesse sentido, enquanto função pura, os diagramas podem estar esmagados em uma estratificação (conteúdo e expressão), operados por uma máquina abstrata de estratificação, como podem estar entre os estratos (molecular), mixando funcionalidades puras para atender a emergência de um agenciamento, ou mesmo selecionando funcionalidades puras a partir das linhas de fuga.

É possível, portanto, inferir que as máquinas abstratas mutantes operam uma bricolagem de funções puras e matérias não formadas, estabelecendo uma dinâmica criativa nas relações entre e nos plano de organização e de imanência: “Dir-se-ia, de certa maneira, que os diagramas se comunicam, por cima, por baixo dos estratos respectivos, entre eles⁶⁹”.

Existem tipos de máquinas abstratas que não param de trabalhar umas nas outras, e que qualificam os agenciamentos; máquinas abstratas de consistência, singulares e mutantes, com conexões multiplicadas; mas também máquinas abstratas de estratificação, que

⁶⁶ Panóptico foi o termo utilizado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785. Trata-se de uma arquitetura ideal de prisão na qual uma estrutura central rodeada de celas permite criar nos presos a sensação de vigília sem, no entanto, conseguir observar diretamente o “vigia”. Segundo Michel Foucault, no seu livro vigiar e punir, o panóptico se torna um recurso que otimiza o funcionamento da disciplina na modernidade. Vigiar, portanto, torna-se um dos aspectos característicos para produzir corpos dóceis na modernidade: nas prisões, nas escolas, nas fábricas etc. Seu funcionamento, portanto, deriva da interiorização da noção de estar sendo observado e que conspira para sujeição diante das regras.

⁶⁷ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete Petrópolis: Vozes, 1987.

⁶⁸ DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo. Brasiliense, 2005.p.44.

⁶⁹ Ibidem.p.92.

circulam o plano de consistência com um outro plano; máquinas abstratas sobrecodificadora ou axiomáticas, que realizam as totalizações, conjunções e fechamentos⁷⁰.

A mesma dinâmica de continuidade do diagrama vale para matérias não formadas ou *Phylum*. Ou seja, as máquinas concretas também possuem uma imanência que possibilita sua continuidade-diferenciação em consonância com os agenciamentos. A hylê é matéria ainda sem forma como a madeira estocada de um carpinteiro que ainda não foi selecionada para uso: “A hylê designa, com eleito, a continuidade pura que uma matéria possui em ideia⁷¹”.

As máquinas abstratas consistem em matérias não formadas e funções não formais. Cada máquina abstrata é um conjunto consolidado de matérias e funções (*Phylum* e diagrama) [...] um conjunto de matérias não formadas que só apresentam graus de intensidade (resistência, condutibilidade, aquecimento, estriamento, velocidade ou retardamento⁷².

Nesse sentido, a máquina abstrata mutante seleciona os fluxos descodificados e promove os picos de desterritorialização enquanto as máquinas de sobrecodificação fecham os agenciamentos. Nesse sentido, é que a relação entre a máquina abstrata e as linhas cartográficas poderiam ser usadas como uma das possíveis respostas para a questão: com o que se cria?

Se a máquina abstrata mutante é quem produz o platô e se este é uma zona de vizinhança singular imanente, então, seria com essas “vizinhanças” selecionadas que se cria. Por outros termos, a máquina abstrata produz uma vizinhança que possibilita dados encontros criativos e não outros. A hipótese é que a máquina abstrata mutante direciona a linha de fuga (nômade) para encontros moleculares (migrantes), ou seja, para dadas alianças e dados devires. Nesse sentido, a máquina abstrata produz “com o que” o território vai fazer alianças: com o que se cria?

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas- mas também coisas, plantas, até animais [...] É preciso fabricar seus próprios intercessores⁷³.

Poder-se-ia resumir o possível procedimento de criação da seguinte forma: cria-se com máquinas abstratas mutantes que se formam a partir de uma violência singular que faria escapar uma linha de fuga em dado território. A máquina abstrata, portanto,

⁷⁰ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa.p.231.

⁷¹ DELEUZE, G & GUATTARI, F., op. cit., p.55.

⁷² DELEUZE, G & GUATTARI, F., op. cit., p.227.

⁷³ DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo. Editora 34, 1992.p. 156.

forjaria uma zona de vizinhança para a linha de fuga, promovendo possibilidades de encontros os quais produziriam linhas moleculares. Seria o movimento de saída do plano de organização (linha de fuga) para o plano de imanência e a produção de um platô que produziria um campo de possibilidades de alianças a partir da produção de vizinhanças.

No entanto, não cabe à máquina abstrata o processo de concretização dos fluxos em formas de expressão e conteúdo. Atualização, diferenciação, estratificação são alguns dos conceitos relacionados ao processo de produção de “diferença concreta”, ou seja, produzir formas de expressão e conteúdo na relação com o plano de imanência. Uma reterritorialização criativa poderia ser pensada como produzir expressão, compondo uma linguagem menor, bem como desejo a partir de novas conjunções entres máquinas.

Gilles Deleuze⁷⁴ propõe uma distinção interessante para detalhar o processo de produção da diferença. O autor utiliza dois termos: diferenciado e diferençado. O primeiro diz respeito ao espaço “ideal”, diferenciado. Trata-se da dimensão imanente que passa em velocidades e tempos ainda sem consistência, ou seja, passam aquém ou além dos esquemas de organização e representação do mundo:

Em primeiro lugar, a Idéia, assim definida, não dispõe de atualidade alguma. Ela é virtual, ela é pura virtualidade. Todas as relações diferenciais e todas as repartições de singularidades, em virtude, respectivamente, da determinação recíproca e da determinação completa, coexistem na multiplicidade virtual das ideias⁷⁵

O espaço diferenciado é sinônimo de virtual e, poder-se-ia complementar, associa-se também ao plano de imanência. Convém distinguir a relação possível-real da virtual-atual. Poder-se-ia dizer que o possível se aproxima da noção de plano de organização na medida em que trabalha dentro da lógica da representação-semelhança em relação ao objeto. O virtual ou diferenciado não funciona representando ou buscando semelhanças, mas antes como multiplicidades heterogêneas que serão “torcidas” no processo de atualização:

O possível é somente o conceito como princípio de representação da coisa, sob as categorias da identidade do representante e da semelhança do representado[...] O virtual, ao contrário, pertence a ideia, e não se assemelha ao atual, assim como a atual não se assemelha a ele. A ideia é uma imagem sem semelhança: o virtual não se atualiza por semelhança, mas por divergência e diferenciação⁷⁶.

⁷⁴ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal, 1988

⁷⁵ DELEUZE, G. *A Ilha Deserta*. Tradução de Luís Orlandi. São Paulo. Iluminuras, 2006.p.136.

⁷⁶ *Ibidem*, p.137.

Já no *Mil Platôs*, Gilles Deleuze, em parceria com Félix Guattari, refina esse pensamento, utilizando outros termos. Na dimensão virtual, no plano de imanência, os autores utilizam os termos diagrama e phylum para designar os elementos diferenciados. Diagrama é uma função pura. Diz-se que é pura, posto que vale pelo funcionamento abstrato e virtual, ou seja, uma função pura do panóptico de “ver” sem ser visto”.

Essa “função pura” circula no campo social, podendo ser torcida, mixada e atualizada em outros contextos: como visibilidades produzidas no *instagram*, *facebook* ou em lojas de departamento com a máxima: Sorria você está sendo filmado.

Por outro lado, o Phylum como matéria ainda não formada, seriam antes as qualidades dos componentes da matéria, sua resistência, condutibilidade, opacidade. É a bruma das materialidades virtuais que circulam o real:

[...] o phylum, não é uma matéria morta, bruta, homogênea, mas uma matéria movimento que comporta singularidades ou hecciedades, qualidades e mesmo operações (linguagens tecnológicas itinerantes); e a função não formal, o diagrama, não é uma metalinguagem expressiva e sem sintaxe, mas uma expressividade movimento que sempre comporta uma língua estrangeira na língua ⁷⁷

No processo de atualização, por um lado, as funções puras (diagramas) são capturadas, mescladas, torcidas e diferenciadas em formas de expressão enquanto o phylum (matérias não-formadas) se atualiza em forma de conteúdo (máquinas concretas). Trata-se de conferir consistência a uma ideia que, enquanto virtual, gira em velocidades e lentidões menores, em *Mil platôs* Deleuze e Guattari chamam esse processo de estratificação:

A estratificação é como que a criação do mundo a partir do caos [...] o artista clássico é como Deus, ao organizar formas e substâncias, os códigos e os meios, e os ritmos, ele cria o mundo [...] Constitutiva do estrato, a articulação, é sempre uma dupla articulação [...] articula em conteúdo e uma expressão ⁷⁸.

Eis, portanto, a terceira questão que interessa: o que se cria? Uma das possibilidades de resposta seria: criam-se atualizações, ou seja, resoluções de problemas geográficos materializados em formas de expressão e conteúdo. Cria-se uma linguagem “menor” a partir do caos, do problema, da violência, virtual e do diferenciado.

⁷⁷ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. vol 05. p. 229.

⁷⁸ Ibidem. p.217.

Deleuze e Guattari⁷⁹, diferenciam três modos de inventar com o caos: filosofia, ciência e arte⁸⁰. Cada um com seu modo de criar em consonância com seus nós problemáticos-virtuais, corpos e regimes semióticos. A imanência de cada campo é que constitui suas singularidades.

Não é nosso propósito aqui distinguir esses modos de criar, mas antes apresentar uma relação de conceitos que apresentasse uma possibilidade para pensar o processo de invenção. Não se trata, é claro, do único percurso possível ou mesmo a única forma de responder tais questões. Trata-se antes de uma forma singular de articular a problemática da criação em Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Considerações finais

A obra de Deleuze e Guattari se apresenta como um labirinto no qual cada saída representa um conceito que se encaixa a outro, produzindo um percurso conceitual para se pensar a diferença. É verdade que há ressonâncias entre conceitos como devir, rizoma ou linha molecular, no entanto, cada caminho oferece uma singularidade, posto que privilegia antes as relações do que os termos como quer Machado⁸¹.

Para Deleuze e Guattari, pensar a produção da diferença é senão pensar a relação entre organização e imanência, repetição e diferença, caos e estratos impulsionados por um encontro-violência. Essas multiplicidades sendo relacionadas em um agenciamento específico que, por sua vez, conta com uma máquina abstrata singular para capturar fluxos decodificados. Por outro lado, processos de atualização criativos produzem linguagens menores e novas máquinas

⁷⁹ DELEUZE, G & GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo, Editora 34, 2010.

⁸⁰ Na arte são produzidos blocos de sensações, na filosofia são inventados conceitos enquanto na ciência são inventados functivos. São conceitos que tem o propósito de destacar suas causas imanentes. Não é o propósito desse trabalho distinguir esses três modos de criar, mas antes apontar um possível caminho para pensar o procedimento de criação a partir da articulação entre os conceitos de agenciamento, máquina abstrata e atualização. Em um trabalho futuro nos deteremos sobre a singularidade dos modos de criação na filosofia, na arte, na ciência associada a uma possibilidade de pensar a singularidade da invenção no campo do humor.

⁸¹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro.Zaar, 2009

No processo de invenção, portanto, repetem-se noções importantes do pensamento de Deleuze e Guattari como imanência, ontologia, encontro, singularidade e problematização das dicotomias. A invenção não se encontra em um “nível acima” ou “abaixo” das representações normativas, por assim dizer. Tratar-se-ia antes de traçar essas representações. Por outros termos, fugir para outras velocidades e forjar um espaço entre as estrias sociais.

Há coexistência das multiplicidades, sendo importantes para o processo de criação. O território, as estrias, dão o local de partida, a memória a ser esquecida, as conexões que serão rasgadas: o território é de onde deriva a ilha deserta. Ora, de onde se “parte” é uma “parte” da singularidade. Dir-se-ia a parte-partida é a parte do território que se tornou ilha deserta. Esquecer de um lugar é muito diferente de esquecer de outro. O esquecimento também é uma singularidade. É de onde se produz um caos singular: imanência geográfica. É de lá que se sofre a violência, de onde se forjam novos encontros e que se criam com eles.

De forma sumária, poder-se-ia responder as questões: quando se cria? com o que se cria? o que se cria? a partir de um procedimento em sete momentos: a) o encontro-problema-violência, que promove a desterritorialização; b) a emergência da linha de fuga e a abertura para o caos; c) o plano de imanência e a máquina abstrata, que “capturam” multiplicidades, criando uma virtualidade singular ao encontro (platô); d) a produção das alianças, dos intercessores para “criar com” e a emergência de linhas moleculares; e) o processo de atualização que torce, conecta, deforma os intercessores, compondo linguagens menores e novas máquinas por entre os esquemas de representação estabelecidos.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Jair Dias. *A imanência, apresentação de um roteiro de estudos sobre Gilles Deleuze*. Revista Trans/Form/Ação vol.28 no.1 Marília, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo. Editora 34, 1992.

_____. *Espinosa. Filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo. Escuta, 2002.

____. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.

____. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo. Brasiliense, 2005.

____. *A Ilha Deserta*. Luís B.L Orlandi. São Paulo. Iluminuras, 2006.

____. *Diferença e repetição*. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. São Paulo. Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. vol.01 Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Vol. 01. Rio de Janeiro. Editora 34.1995.

____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo. Editora 34. 1995.

____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.04*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo. Editora 34,2007.

____. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Editora 34, 2005.

____. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo, Editora 34, 2010.

____. *O Anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo. Editora 34, 2011.

____. *Kafka. Por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles & PARTNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa. Relógio d'água,1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis. Editora Vozes.2005.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro. Zaar, 2009.

Recebido em 10/08/2020

Aprovado em 18/12/2020